

RACIONALISMO, EMPIRISMO E A UTOPIA BACONIANA: ALGUMAS DAS CONTRIBUIÇÕES DO SÉCULO XVII PARA O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO

MIRELA MORAES¹; NEIVA AFONSO OLIVEIRA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – mirela.teresinha@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – neivaafonsooliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte extraído do primeiro capítulo escrito para a dissertação de mestrado em educação. Traz algumas observações sobre o desenvolvimento de duas correntes filosóficas que se estabeleceram no século XVII e cujo papel foi decisivo para a evolução do conhecimento em suas mais diversas áreas, nos anos que se seguiram. A partir da colaboração dos pensamentos racionalista e empirista a reflexão sobre as possibilidades do conhecimento ganhou novos contornos e as pesquisas científicas tomaram impulso. Partícipes do desenvolvimento científico que então se acelerava, esses dois enfoques filosóficos estimularam os pesquisadores da época a prosseguir em busca de novos conhecimentos ao ratificarem a possibilidade do homem conhecer independente da sua relação com a fé. Separar as questões da fé deixando ao homem o domínio sobre o conhecimento proporcionou avanços inesperados em todos os ramos do saber. No que se refere especificamente à educação tem destaque a obra *Nova Atlântida*, escrita por Francis Bacon, que visa mostrar a intrínseca relação entre o conhecimento científico, a educação e o progresso social.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica com fichamento de obras selecionadas, especialmente os clássicos *Discurso do Método*, de René Descartes e os *Novum Organum* e *Nova Atlântida*, de Francis Bacon. Através da leitura desses dois autores e com o apoio de textos de comentadores foi possível identificar de que modo racionalismo e empirismo colaboraram decisivamente para o progresso do conhecimento a partir do século XVII e como isso reverberou para o âmbito da educação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ideia de recusar a tradição e promover o homem a senhor de si encontra respaldo na filosofia do século XVII, considerado, ainda, um século de transição do medievo para a modernidade que tem seu apogeu com o Iluminismo no século seguinte. Estudos, pesquisas, experiências e descobertas tomaram conta desse período da história europeia tornando-o crucial para o desenvolvimento dos conhecimentos filosófico e científico que evoluíram até nosso tempo.

Racionalismo e empirismo foram as duas vertentes filosóficas que ajudaram a desviar o foco das verdades reveladas pela fé que predominaram durante a Idade Média, para métodos de conhecimento nos quais o próprio homem é o protagonista: a dúvida racional e a experimentação.

Expatriando Deus do espaço filosófico e científico, racionalismo e empirismo passaram a defender, respectivamente, os métodos dedutivo e indutivo em suas investigações sobre as possibilidades do conhecimento. Embora esses métodos

indiquem caminhos divergentes para atingir o verdadeiro conhecimento, em suas bases, racionalismo e empirismo compartilham da mesma esperança de ver o homem atingir sua autonomia com o auxílio do progresso. De acordo com Lara,

Por mais diversos que possam parecer, empirismo e racionalismo obedecem ao mesmo projeto: libertar o homem da tutela da teologia, encarnada na Escolástica, possibilitando sua plena realização. As duas tendências podem divergir quanto aos limites das possibilidades da razão. Não divergem sobre a necessidade de a razão fundamentar novos valores (LARA, 1986, p.32).

Esta divergência situa-se no âmbito da Teoria do Conhecimento e mesmo trilhando vias distintas ambas as correntes estabelecem suas estruturas no projeto de livrar o homem das amarras da fé e valorizar sua capacidade autônoma. Por isso, os principais representantes do racionalismo e do empirismo dedicaram-se a investigar como é possível ao homem conhecer verdadeiramente, como é possível alcançar o saber afastando-se ao máximo do erro.

Expoente máximo do racionalismo, o *Discurso do Método* (1637) propõe a dúvida como método para atingir a certeza. Essa dúvida é o instrumento do qual a razão utiliza-se para chegar à verdade primeira e inquestionável que é o ato de pensar. O pensamento é a condição indispensável para o sujeito existente. Assim, o argumento cartesiano revela a necessidade de chegar a uma certeza que sirva de alicerce para todo o restante. Nessa obra, Descartes (1596–1650) conduz seu raciocínio na direção do que considera a mais evidente das certezas:

[...] enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade: eu penso, logo existo, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava (DESCARTES, 1996, p.92).

Esse famoso argumento cartesiano evidencia-se por si, pois o ato de pensar leva imediatamente à consciência da existência. Tal constatação institui o cerne da plena certeza e, passo a passo, das coisas mais simples às mais complexas, Descartes vai elaborando sua dúvida metódica até “remontar” o mundo sem a necessidade da fé, ainda que tenha em Deus o fiador da racionalidade. Logo, conclui que existem ideias que nascem conosco, são inatas porque independem de qualquer experiência sensível, são racionalmente dedutíveis, como no caso das noções matemáticas.

Contemporâneo de Descartes, o inglês Francis Bacon (1561–1626), do outro lado do canal da Mancha, também preocupa-se com a elaboração de um método seguro para chegar ao conhecimento verdadeiro. Para ele, a indução é o método científico por excelência. Ao contrário do que acreditava o filósofo francês, para Bacon a experiência é fator fundamental para a elaboração de leis de qualquer espécie e assenta-se na certeza oferecida pela sensibilidade dos sentidos, o que torna a indução experimental um dos pilares do conhecimento. No prefácio de *Novo Organum* (1620), Bacon anuncia que seu método

Consiste no estabelecer os graus de certeza, determinar o alcance exato dos sentidos e rejeitar, na maior parte dos casos, o labor da mente, calcado muito de perto sobre aqueles, abrindo e promovendo, assim, a nova e certa

via da mente, que, de resto, provém das próprias percepções sensíveis (BACON, 1997b, p.27).

Ao seguir a trilha das percepções sensíveis, Bacon afasta-se do gênio racionalista e abre outra possibilidade ao conhecimento: conduzir e induzir eventos do mundo sensível por intermédio de experiências controladas. De outro lado, aproxima-se dele ao buscar as leis gerais produzidas pelas sucessivas repetições de um fenômeno. A experimentação enquanto fonte de onde se extraem as generalizações promove uma das características da razão que é a propensão para a universalização.

Quanto à educação, as colaborações de Descartes e Bacon se efetivaram cada uma ao seu modo. De Descartes herdamos conceitos utilizados na física e na matemática cujos conteúdos são ensinados até hoje no ensino médio e nos cursos de graduação correspondentes.

Bacon, por sua vez, ao escrever a *Nova Atlântida* (1627), uma utopia sobre ciência experimental e educação fortalece o elo entre conhecimento científico e educação com a finalidade de alavancar o progresso. Num diálogo, um dos narradores do texto diz ao visitante:

O fim da nossa instituição é o conhecimento das causas e dos segredos dos movimentos das coisas e a ampliação dos limites do império humano para a realização de todas as coisas que forem possíveis (BACON, 1997a, p.245).

A instituição citada pelo narrador ficava num lugar chamado *Casa de Salomão*, em *Nova Atlântida*, reino imaginário criado por Bacon para descrever sua utopia. Na *Casa de Salomão* habitavam sábios e discípulos que passavam grande parte do tempo no *Colégio*, nome dado à instituição, a pesquisar sobre todas as coisas, pois lá havia uma estrutura especialmente preparada para a experimentação em todas as áreas. Atingindo o objetivo de desenvolver ao máximo a pesquisa e a experimentação científica, as descobertas da *Casa de Salomão* deveriam estender-se às demais cidades propiciando um benefício geral ao reino de *Nova Atlântida*. De forma utópica, o filósofo inglês apresenta sua concepção de sociedade perfeita cujo poder está nas mãos dos que detêm o domínio do conhecimento indutivo-experimental.

4. CONCLUSÕES

No século XVII, com o auxílio das correntes filosóficas conhecidas como racionalismo e empirismo, o homem retoma sua caminhada para tornar-se senhor de si e protagonista do conhecimento.

René Descartes e Francis Bacon com suas ideias divergentes sobre as origens do conhecimento ajudaram a afastar fé e razão e impulsionaram a busca pela autonomia humana perante o saber. Juntamente com eles vários cientistas europeus daquela época levaram adiante pesquisas cujos resultados ainda ecoam em nossa sociedade.

Muito do que somos e sabemos hoje devemos ao embate filosófico que permeou o século XVII e ajudou a reconfigurar o modo de conhecer e fazer ciência, desde lá até a atualidade.

Muito do que aprendemos e ensinamos nas escolas, especialmente conteúdos ligados à área de ciências exatas deitam suas raízes nas duas grandes

vertentes da filosofia que no século XVII enfrentaram a tradição e ousaram elevar o homem a posição de sujeito do conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: uma introdução à filosofia. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

BACON, F. **Nova Atlântida**. São Paulo: Nova Cultural, 1997a.

_____. **Novum Organum**. São Paulo: Nova Cultural, 1997b.

DESCARTES, R. **Discurso do Método**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

LARA, T. A. **Caminhos da Razão no Ocidente**: a filosofia ocidental do Renascimento aos nossos dias. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

LUCKESI, C.C.; PASSOS, E. S. **Introdução à Filosofia**: aprendendo a pensar. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARQUES, M. O. **Conhecimento e Modernidade em Reconstrução**. Ijuí: UNIJUÍ, 1993.

PAVIANI, J. **Problemas de Filosofia da Educação**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

TEIXEIRA, A. O espírito científico e o mundo atual. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.23, n.58, 1958, p.3-25. Disponível em: <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br>> Acesso em: 30 mar. 2017.